

Música Popular em Minas Gerais no século XIX: São João del Rei, um estudo de caso

Marcelo Crisafuli Nascimento Almeida
Mestre em História/UFSJ
crisafuli@hotmail.com

Resumo: Este artigo analisa os espaços de produção, inserção, circulação e fruição da música popular em São João del Rei entre o final do século XIX e o início do XX. Vinculados a divertimentos tidos como entraves ao “progresso” e a “civilização”, a citar os festejos do Divino Espírito Santo e batuques oferecidos por prostitutas, gêneros musicais populares como o cateretê tiveram uma presença restrita às periferias sanjoanenses durante o final do século XIX. Percebemos, contudo, através de um jornal local do referido período, o trânsito tanto de autoridades, frequentadoras das festas populares e batuques, como de músicos, moradores dos contornos da cidade, que frequentavam o “pagode nas vendas” e trabalhavam nas orquestras que se apresentavam nos elegantes salões, igrejas e teatros do centro da cidade.

Palavras-chave: Música popular, Cultura Popular, São João del Rei.

Abstract: This research examines the areas of production, integration, movement and enjoyment of popular music in Sao João del Rei between the late nineteenth and early twentieth centuries. Bound entertainment seen as obstacles to the "progress" and to the "civilization", to quote the celebrations of the Holy Spirit and "batuques" provided by prostitutes and popular musical genres like cateretê had a presence restricted to the outskirts sanjoanense during the late nineteenth century. We realize, therefore, through a local newspaper of that period, the transit of the authorities, attending the popular festivals and "batuques", as the musicians, residents in the contours of the city, who attended the "pagodes at shops" and labor in the orchestras that were presented in elegant salons, churches and downtown theaters the city.

Keywords: Popular Music, Popular Culture, São João del Rei.

É fato que a cidade de São João del Rei possui uma inegável tradição musical, sendo-lhe conferida até hoje o título de “Terra da Música” por seus moradores. Sabemos, portanto, que, para tal, houve um forte enraizamento de uma cultura musical europeia, leia-se a música sacra e erudita, ou de uma “música colonial barroca”, presente nesta urbe desde a sua fundação no século XVIII.

Percebemos também que não só a memória sanjoanense se preocupou em valorizar a tradicional “música barroca” ou “música colonial mineira”. A maioria de trabalhos acadêmicos e memorialísticos em Minas Gerais procura demonstrar, pensar, discutir sua importância, analisar aspectos sociais e culturais em torno desse tipo de música realizada em cidades coloniais como Mariana, Vila Rica, São João del Rei, Prados, Diamantina e Sabará. Maria da Conceição Rezende, por exemplo, cita palavras de um famoso escritor mineiro que observou essa relação entre a música colonial mineira e a devoção religiosa: “as igrejas foram afinal esculpidas ou desenhadas, a luz invadiu o ouro das madeiras e acordou a esteatita, para cantarem a glória do Senhor na partitura dos mestres mineiros”.¹ As manifestações musicais se concentraram sobretudo nas festas religiosas, sendo portanto, as igrejas coloniais mineiras o berço desta tão valorizada arte.

Ainda assim, entendemos que também houve uma atividade musical, desvinculada de qualquer

ritual oficial do estado, seja ele católico ou profano. Os negros africanos, por sua vez, já nas Minas setecentistas, faziam uso de suas danças musicadas como lundu ou os batuques. Segundo Maria Conceição Rezende, “os escravos entoavam melancólicas canções no dialeto Banto; invocavam a proteção dos orixás através de danças como o caxambu, acompanhadas de chocalho e batidas dos pés.”² Ainda de acordo com a autora, “em documentos relativos a Minas colonial, inclusive nas ‘Ordenanças’ e nas ‘Leis Extravagantes do Reino’, são frequentes as alusões às ‘danças de negros’, aos ‘bailes de pretos’ e muito especialmente batuques.”³

Interessante pensar que estes gêneros musicais são pouco lembrados na história da música mineira. Em contraposição, temos vários estudos para a cidade do Rio de Janeiro, principalmente para o século XIX, que tratam dessas manifestações musicais afro-brasileiras. Talvez essa diferença se dê pela valorização de uma cultura popular da cidade carioca, lugar de encontros e mediações culturais altamente complexas, que forjou manifestações musicais importantes para o restante do país como o samba.

Sendo assim, diante da escassez de estudos que descortinem a cultura popular em Minas durante o oitocentos, principalmente envolvendo a música, e instigados principalmente pela presença das “danças de negros” e seus “batuques” pouco estudados

¹REZENDE, Maria da Conceição. *A Música na História de Minas Colonial*. Belo Horizonte: Itatiaia; 1989, p. 175.

²REZENDE, Maria da Conceição. *A Música na História de Minas Colonial*, p. 221.

³REZENDE, Maria da Conceição. *A Música na História de Minas Colonial*, p.221.

na província mineira, decidimos investigar a possível existência dessas manifestações musicais na cidade de São João del Rei⁴.

Nas páginas de um periódico local⁵, os batuques se revelaram frequentes naquela cidade, mas os espaços em que aconteciam eram bem restritos. Gênero mais comum presente nestes batuques das periferias sanjoanenses era o cateretê⁶. Este gênero de dança e música é citado pela primeira vez nas páginas do jornal *Arauto de Minas* em 1877 durante a festa do Divino Espírito Santo:

... É noite.

O pitoresco largo iluminado caprichosa e fantásticamente se enche da multidão, que, ao som de escolhidas peças musicais executadas no coreto assiste ao fogo de artifício queimado em honra do Divino Espírito Santo.

Terminado o fogo, lá se promove uma *partida familiar*, em que as mimosas cinturinhas das belas em radidos volteios de uma *valsas ou polca*, deixam ver quanto são elegantes os corpinhos, que sobre elas assentam.

Além, naquela casinha se reúne uma *súcia folgasan*, que ao som de *viola, requebrada e cadente sapateado*, mostra que nunca são esquecidas as danças nacionais nos folguedos do povo. E assim passa-se o restante da noite até que o sol nascente, espancado as trevas, chama a todos à realidade da vida, e cada qual a seus afazeres...

⁷(Grifos nossos).

Pensando estes trechos desta crônica local, notamos o distanciamento de alguns setores sociais da cidade e uma ponta de preconceito quanto aos folguedos dos mais pobres. A ênfase dada à música em festividades como esta, com grandes ajuntamentos de pessoas, encontra-se naquela executada pela banda no coreto. Neste caso específico, percebe-se nitidamente a separação entre o ambiente frequentado pelas famílias, o espaço em que a Banda toca polcas e valsas, taxado de “partida familiar”, e aquele chamado de “folguedos do povo”, onde era tocada uma música na viola enquanto sapateava-se. A pitada de preconceito quanto ao folguedo popular está na expressão usada pelo redator, “súcia folgasan”. Ora, súcia refere-se a ajuntamento de mal feitores ou agrupamento de pessoas de má índole, logo, há por trás dessas palavras uma visão deturpada dos gêneros populares da música e da dança e que não se enquadram num determinado gosto estético.

A música que embalava este folguedo popular em São João del Rei, pela descrição, levanta-nos a suspeita de ser um cateretê. Porém, é muito vaga sua descrição sobre quem eram os populares e seus folguedos, provavelmente eram pessoas pobres, escravos/forros, ou ainda músicos pertencentes às orquestras locais.

Pensando num contexto mais abrangente, e ajun-

dando a situar o caso de São João del Rei, é interessante ressaltar que festas como aquelas em honra ao Divino Espírito Santo duravam vários dias, seguidas à noite por folguedos, jogos, danças, cantorias e bailes que completavam as comemorações dos santos preferidos. Assim, “os maracatus, os moçambiques, os sambas, os cateretês, os cururus e os jongos acoplavam-se às festas do Divino, às de Nossa Senhora do Rosário e de São Benedito, às festa da Santa Cruz e de São Gonçalo”.⁸

Segundo Maria Cristina Cortez Wissenbach,⁹ ao tentar recuperar o comando da vida religiosa brasileira, sobretudo no início do século XX, as autoridades da Igreja procuraram coibir principalmente a parte vista como profana e exógena das festas religiosas, e conter as expressões imorais dos batuques, dos sambas, umbigadas, cururus. Para alguns setores da sociedade, esses festejos representavam a sobrevivência de tradicionais costumes coloniais, como o forte enraizamento do jogo e de diversões burlescas, como as “danças nacionais” embaladas pelos “sons da faceira viola”. Um verdadeiro entrave ao progresso para setores daquela elite.¹⁰

Acompanhando os periódicos sanjoanenses, alguns anos depois o mesmo jornal nos informa a respeito de “estrondosos cateretês” oferecidos por algumas “Magdalenas”:

Batuque

Na noite do dia 24 para 25 do corrente várias *Magdalenas* deram estrondoso *cateretê* na chácara que pertenceu a Capitão Fidelis.

Naquela noite os pacíficos moradores do Pau d'Angá não puderam dormir deliciados pelo cantar das sereias e pelo estrondo do sapateado.

Foi figura saliente neste *furrundú* o delegado de polícia Vicente de Paula Teixeira que puxou a feiira e deu umbigadas até 3 horas da madrugada (...).¹¹

O local em questão seria talvez um prostíbulo, pois a alcunha usada, “*Magdalenas*”, pode remeter a figura bíblica de Madalena, a prostituta arrependida. A referência feita no título da notícia é a um batuque, no entanto, o redator descreve a festa das “*Magdalenas*” como um cateretê. Poderíamos pensar talvez numa “versão mineira” para os lundus e batuques, onde a singularidade residiria no sapateado, característico desses “batuques mineiros”. Devemos considerar ainda que o delegado é citado dando umbigadas até às três horas da madrugada. As umbigadas são características tanto de danças como o lundu quanto do batuque, sendo, portanto, difícil precisar ao certo qual dança se faria presente na festa. A historiadora Martha Abreu refletindo sobre a dificuldade presente até mesmo entre os pesquisadores em se precisar todos esses ritmos, gêneros e movimentos, além de suas variantes regionais afirma, assim como Câmara Cascudo, que termos como umbigadas, requebros, batuques,

⁴ Devemos mencionar dois trabalhos que nos ajudaram a entender a cultura popular em Minas no século XIX, campo ainda pouco explorado pelos historiadores. São eles: ARAÚJO, Patrícia Vargas Lopes de. *Folganças populares: festejos de Entrudo e carnaval em Minas Gerais no século XIX*. [Campanha, MG]: FCCP; São Paulo: Annablume, 2008 e DUARTE, Regina Horta. *Noites circenses: espetáculos de circo e teatro em Minas Gerais no século XIX*. Campinas, SP: UNICAMP, 1995.

⁵ Apesar de pesquisarmos em vários jornais locais do período, um em especial nos chamou: O *Arauto de Minas* – de 1877 a 1885/89. As informações encontradas em suas páginas tornaram-se extremamente reveladoras para pensarmos as práticas musicais populares na cidade de São João del Rei. Outros periódicos também fizeram parte da nossa pesquisa: A *Gazeta Mineira* – de 1884-85/1890 a 1894; *Jornal de São João del Rei* – de 1885 a 1886/1899; *A Pátria Mineira* – de 1889 a 1894; *O Resistente* – de 1895 a 1900; *Gazeta de Notícias* – 1889; *Liberdade* – de 1896 a 1900; *O Combate* – de 1900; *A opinião* – maio de 1908; *O repórter* – agosto de 1908 a maio de 1914.

⁶ Dança de origem indígena, mas que também recebeu influências negras, marcada por irreverentes movimentos, ritmos e sapateados ao som da viola. Muito comum em Minas Gerais e em São Paulo. Para saber mais, ver CASCUDO, Luiz da Câmara. *Dicionário do Folclore Brasileiro*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e da Cultura; Instituto Nacional do Livro, 1954, p. 163. Ver também ABREU, Martha. *O Império do Divino: festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro, 1830-1900*. São Paulo: Editora Nova Fronteira; Fapesp, 1999, pp. 92-93.

⁷ O *Arauto de Minas*, 19 de maio de 1877, p. 3.

⁸ WISSENBACH, Maria Cristina Cortez. *Da escravidão à liberdade: dimensões de uma privacidade possível*. IN: SEVCENKO, Nicolau (Org.) *História da Vida Privada no Brasil República: da Belle Époque à Era do Rádio*. São Paulo: Cia das Letras, V. 3, 1998, p. 83.

⁹ WISSENBACH, Maria Cristina Cortez. “Da escravidão à liberdade: dimensões de uma privacidade possível” IN: SEVCENKO, Nicolau (Org.) *História da Vida Privada no Brasil República: da Belle Époque à Era do Rádio*, pp. 83/84.

¹⁰ Para saber mais a respeito das práticas que levaram ao enraizamento e depois o discurso que procurou desarticular e coibir festejos populares como a festa do Divino Espírito Santo em São João del Rei entre finais do século XIX e início do XX ver ADAO, Kleber do Sacramento. *Devoções e diversões em São João del Rei: um estudo sobre as festas do Bom Jesus do Matosinhos, 1884-1924*. 2001. 98 f. Tese (Doutorado em Educação Física). UNICAMP São Paulo, 2001. Outro estudo que procura problematizar a festa do Divino, no caso no Rio de Janeiro, seus espaços de fruição é circulação é ABREU, Martha. *O Império do Divino: festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro, 1830-1900*.

¹¹ O *Arauto de Minas*, 27 de abril de 1880, p. 2.

ritmo ao som de violas, sapateados, são um “inferno” até mesmo para “aqueles estudiosos da música”.¹²

Ao pensarmos sobre qual o significado de batuque para os redatores deste jornal, sua acepção pode vir mais uma vez carregada de preconceitos, algo licencioso, depravado ou sensual, ainda mais levando em conta quem estava promovendo o folguedo. Podemos refletir esta afirmação pensando as linhas seguintes da notícia:

(...) É um folião destes que quer falar em moralidade e impor-se a consideração de uma cidade, cujos os habitantes primam pelos bons costumes. E é um batuqueiro tão frenético que pretende ser Presidente da Câmara Municipal...

Vicente Teixeira, esqueceu-se do respeito que deve à sua família e à sociedade, não podia deixar de lembrar-se que o homem de caráter de autoridade é obrigado a zelar a dignidade do cargo e não ridicularizá-lo nos requebros de uma dança imoral (...).¹³

Interessante notar que o jornal o *Arauto de Minas* se mostra tolerante a tais divertimentos em certas circunstâncias: “(...) Que a rapaziada se entregue a tais divertimentos, vá, está no seu tempo, a desculpa a mocidade: Mas o Vicente que é chefe de família, delegado de polícia, inspetor de instrução pública e que vê sempre o argueiro no olho do próximo...”¹⁴

Tentando prevenir as “obscenidades”, a “ofensa aos bons costumes” e os batuques, as autoridades sanjoanenses dizem ser “proibido sob pena de 5\$000 de multa e de 24 horas de prisão:” “Fazer batuques desenvoltos ou sambas, tocar tambor em pagodes ou acompanhando cantos em charola ou tocar instrumentos que perturbem o sossego público.”¹⁵

O batuque parece ter fascinado muita “gente de bem” nas Minas Gerais do século XIX, favorecendo certo relaxamento dos costumes. Regina Horta Duarte¹⁶ afirma que apesar das proibições, um memorialista de Campanha narra curiosos eventos envolvendo “gente de bem”, constatando que singular dança não era praticada somente pela “gente baixa e ordinária”. Tal testemunha afirma que “padres relaxados” não recuavam dos batuques “nem mesmo diante do maior escândalo”. A mesma testemunha assevera que conhecera um religioso não apenas devoto dessa dança, como “nela se portava com uma tal indecência e um descomedimento” que o próprio autor vexava-se a descrever. O batuque acabava sendo um chamariz “para muita gente boa”, como um outro delegado que, recebendo uma denúncia da existência de um batuque, chegou ao local com a intenção de prender todos os participantes. Porém, ao invés disso, acabou metendo-se na dança “como o mais furioso dos dançadores”, ali passando “todo o resto da noite”.

Patrícia Araújo também afirma que o batuque:

embora pudesse provocar aglomerações e tumultos, e mesmo conflitos mais sérios, era, pelo que sugere a documentação, pelo menos do ponto de vista da lei, menos comprometedor da integridade física do que o Entrudo, assim como da forma pela qual se apropriava do espaço público. Mediante autorização das câmaras, e não sendo feito à noite, o batuque era permitido nos locais públicos.¹⁷

Os batuques pareciam ser de fato parte dos entretenimentos das camadas populares de São João del Rei no final do oitocentos. Em 24 de dezembro de 1880, a coluna “Folhetim” do jornal *O Arauto de Minas* apresentou uma crônica intitulada “Consoadas em São João del Rei”. Neste registro foram relatadas as comemorações dos festejos natalinos sanjoanenses, destacando as particularidades entre os folguedos das “classes menos favorecidas da fortuna” e as festividades de “gente remediada”. Percebe-se nitidamente que o redator procura explicitar um contraste entre essas classes. Vejamos primeiro como eram as “consoadas” na “seleta sociedade”: “(...) À noite, nas casas de gente remediada ou de haveres, reúne-se seleta sociedade, toca-se piano, canta-se uma modinha brasileira, um romance francês, um trecho do Trovador da Traviata, formam-se pares e dança-se (...)”.¹⁸

Para nosso deleite, é feita uma rica descrição de como são festejadas as comemorações natalinas entre os mais pobres, narrando como eram essas festas, suas músicas e danças:

(...) As classes menos favorecidas da fortuna ou mesmo os mais pobres também se reúnem e se divertem.

Quem às dez horas da noite passar pelo Tijuco há de ver iluminada a velha chácara de São Caetano, antiga habitação de um celebre Guarda-mor, d’onde partem festivais sons da faceira viola, em harmonia com os de afinada rabeca, de machetes e pandeiros, misturando-se as vozes dos cantores ao arruído de forte sapateado de mestres batuqueiros e adestradas marchadeiras.

Como este, há muitos outros cateretês, no Barro, no morro da Forca, no Pau d’Angá e no morro das Mercês; e, a cidade toda iluminada tem um aspecto cantador e festivo, apresentando uma vista pitoresca as casinhas, que estão semeadas pela serra cujas luminárias brilham ao longe com um efeito maravilhoso (...).¹⁹

Ao que tudo indica, para aqueles que detêm o poder do discurso jornalístico, o divertimento dos pobres – os batuques – é somente destinado para as classes desprovidas – escravos, forros e pessoas humildes –, pessoas da elite, ou que prezam por um nome na sociedade, como o delegado Vicente Teixeira, não podem misturar-se em tais manifes-

¹²ABREU, Martha. *O Império do Divino*: festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro, 1830-1900, p. 81.

¹³*O Arauto de Minas*, 27 de abril de 1880, p. 2.

¹⁴*O Arauto de Minas*, 27 de abril de 1880, p. 2.

¹⁵Leis e Resoluções da Câmara Municipal de São João del Rei. Código de Posturas Municipais de 1887. Caixa 74, Série 57, XLRC 251.

¹⁶DUARTE, Regina Horta. *Noites Circenses*: espetáculos de circo e teatro em Minas Gerais no século XIX, p.94.

¹⁷ARAÚJO, Patrícia Vargas Lopes de. *Folganças populares*: festejos de Entrudo e carnaval em Minas Gerais no século XIX, p. 80.

¹⁸*O Arauto de Minas*, 24 de dezembro de 1880, p. 2.

¹⁹*O Arauto de Minas*, 24 de dezembro de 1880, p. 2.

tações. No Natal, na descrição de sua crônica, não há um amálgama cultural e social como na festa do Divino Espírito Santo e no batuque das “Magdalenas”; de fato, vemos nitidamente a separação do ambiente da elite e do povo. Até mesmo na descrição da festa do Divino, percebe-se a intenção de se separar os espaços onde as “classes menos favorecidas da fortuna” frequentam e a “seleta sociedade”, taxando o espaço desta de “partida familiar” e daquelas de “folguedo do povo”, além claro da alcunha utilizada para se referir aos sujeitos frequentadores do folguedo popular, “súcia folgasan”.

Percebemos em nossas fontes que certos tipos de dança e música, manifestações como os cateretês, os batuques e as Folias de Reis ficam marginalizados pelos cantos da cidade, isto é, em locais periféricos como o Morro da Força, atual Bonfim, o Morro das Mercês, chácaras no Tijuco e nas festas do Arraial do Matosinhos. Os sujeitos praticantes destes gêneros populares de dança e música, em sua maioria são os próprios moradores, oriundos de camadas baixas e médias da população e até mesmo algum outro “visitante” de áreas centrais têm a chance do acesso a tais manifestações artísticas.

A intenção em separar, ordenar e civilizar os espaços, os costumes e as pessoas, em São João del Rei, parecia ser de fato a tônica do discurso jornalístico do periódico *Arauto de Minas* e seus proprietários. Vejamos, por exemplo, como este jornal descreve outra festa popular brasileira, as comemorações em torno de três santos muito cultuados no país, S. João, S. Pedro e Santo Antônio:

Por um costume tradicional de nossos maiores são festejados neste mês três grandes santos – Santo Antônio, S. João e São Pedro. E quem se desse ao trabalho de percorrer as ruas da cidade e seus *arrebaldes*, ainda os mais democráticos, nas noites em que se ascendem fogueiras a qualquer daqueles Santos, veria, com ardor e com que júbilo são feitas essas festas, entre as quais se distingue muito a da noite de São João.²⁰ (Grifos nossos)

Melo Morais Filho pode nos ajudar a situar os festejos destes três santos num contexto maior. Segundo descrições do folclorista, dentre os três santos, a festa de São João parecia ser a mais popular e “democrática” pelo Brasil afora, o que também atesta o jornal sanjoanense. Segundo as memórias do autor, a mobilização para os preparativos era geral, senhores, senhoras, moças, crianças e escravos se envolviam na elaboração das festividades. De acordo com Melo Morais, “apesar das generalidades em pouco dessemelhantes” essas festas ocorriam basicamente dessa forma pelo país: “Para as festas de São João eram múltiplos os costumes intróitos. Recebiam-se convites dos grandes

senhores, dos fazendeiros riquíssimos, da burguesia abastada e do proletariado arranjado”²¹. Ainda num tom democrático e generoso, referindo-se à província do Rio de Janeiro, “os fazendeiros despendiam largas somas, vestiam de novo a escravatura, matavam reses em obséquio aos convidados da côrte”²².

Uma diversidade grande de fogos circulava pelas ruas, casas e seus quintais: rodinhas, pistolas, buscapês, chuveiros, rojões, cartas de bichas, traques de sete estouros, bombas... Segundo o cronista do *Arauto de Minas*, o dia da fogueira também vinha acompanhado por essa artilharia e pela alegria “infernal” das crianças: “Começa desde manhã o consumo de bombas, das salvas e dos foguetes que sobem constantemente ao ar, acompanhadas da gritaria infernal dos meninos, que nesse dia parecem possuídos de uma alegria sobrenatural”²³.

O folclorista Melo Morais ainda descreve essas comemorações entre os cativos: “os escravos de calça de algodão cortada no joelho, de camisa branca de mesmo pano e aberta no peito, batucam com as escravas à roda do fogo, assando carás e batatas, tirando os do norte os seus côcos, dança e canto popular daqueles sertões”.²⁴ Em meio a essa festa que mistura aspectos profanos e sagrados, congregando costumes como as rezas de novenas, homenagens ao santo, simpatias em busca de sorte e maridos, o cronista do *Arauto de Minas* descreve os festejos populares em honra a São João nas diversas camadas sociais de São João del Rei:

Ainda bem que estes costumes patriarcais, estas reuniões familiares em certos dias do ano, ainda não foram banidas dentre a nossa sociedade, porquanto a harmonia e afabilidade foram sempre proverbiais ao povo são-joanense.

Ali, é um baile ou soirré, onde a música soa ruidosa e alegre, fazendo as delicias do mundo elegante, e onde é numeroso o concurso de damas e cavalheiros, turbilhando nas salas, parecem embriagados de prazer de perfume das flores e 'toillettes'. Acolá é uma falange de moças espirituosas, que compulsam um livro de sortes, pegam os dados e consultam as Silibas: - 'qual será o seu destino – quem será o seu noivo – qual das pessoas presentes lhe terá mais amor'.

Além de uma plêiade de moços folgazões, que cantam e bebem em derredor de uma mesa servida de lauta ceia: uns fazem estourar com profusão a dupla cerveja da Kremer, e outros enchem os copos a transbordar das gotas de rosa do delicioso Mineiro, extraído das vinhas cultivadas no vale do Rio das Mortes.

Cada um por seu turno faz libações à dona dos seus pensamentos, terminando com um curso ou com um discurso, que é acolhido com estrondosas palmas ou risadas.

Mais além é uma serenata, e outra, percorrendo, em rumos diversos, as ruas da cidade até alta noite e cantando modinhas ao som do violão; ou uma música de banda, que toca escolhidas peças, de

²⁰O *Arauto de Minas*, 23 de junho de 1883, p. 2.

²¹MORAIS FILHO, Melo. *Festas e tradições populares do Brasil*. RJ, Edições de Ouro, 1967, p. 134.

²²MORAIS FILHO, Melo. *Festas e tradições populares do Brasil*, p. 135

²³O *Arauto de Minas*, 23 de junho de 1883, p. 2.

²⁴MORAIS FILHO, Melo. *Festas e tradições populares do Brasil*, p. 139.

porta em porta a fim de obsequiar a algumas famílias.

Mais adiante, em diversos bairros da cidade, é um batuque ou cateretê estrepitoso, onde uma rapaziada desenfreada bate palmas e sapateia tumultuosamente, ao som abafado de uma lasciva viola, rufando o pandeiro e cantando cantigas..²⁵ (Grifos nossos)

O discurso implícito nesta crônica descreve os recintos em que acontecem os bailes e soirrés, porque não as “partidas familiares”, como lugares civilizados e ordeiros, um “mundo elegante”, onde a “música soa ruidosa e alegre” conduzindo “cavaleiros e damas”. Pelas ruas da cidade são cantadas comportadas modinhas em serestas e executadas peças de bom gosto pelas bandas de música. Entretanto, o cronista afirma que “mais adiante”, sem a supervisão de “elegantes cavalheiros”, um barulhento batuque ou cateretê contrasta com a “ruidosa e alegre” música que “soa” daqueles bailes e soirrés. Num tom aparentemente civilizatório, o articulista do jornal parece entender que a “desenfreada rapaziada”, ou a “súcia folgasan”, precisavam se enquadrar dentro de uma determinada ordem, já que tumultuam o ambiente com sua dança executada por um libidinoso instrumento.

Já sabemos, por hora, que as periferias da cidade eram habitadas pelas “classes menos favorecidas da fortuna”, por uma “súcia folgasan” e “Magdalenas”. Citando uma análise do professor Alexandre Costa, que estudou o jornal *Ação Católica* no início do século XX, Kleber do Sacramento nos ajuda a pensar esses despossuídos, saber um pouco mais de suas profissões, e costumes:

Em casinhas simples ou casebres, em ruas que por vezes não existiam, situados no Segredo, no Bonfim, no Guarda Mor, no Tejuco, no Senhor dos Montes, morros ou ao largo da serra próximo ao Rosário, habitavam libertos, filhos de libertos ou não, gente miúda que se divertia nas vendas, no pagode, nas procissões, que fazia sua fé na cobra e não comemorava o treze de maio; que viviam em relação de amores com a Joana de tal...; marceneiros, alfaiates, tintureiros, coureiros, músicos, lavadeiras, sapateiros, limadores (...), que lavoravam nas orquestras, nos cafés, nas casas da família são-joanense, na sua venda ou oficina, nos fundos do andar térreo dos casarões comerciais, nas ruas, que se arriscavam nas betas..., nas oficinas da ferrovia – ou conduziam e alimentavam suas máquinas.²⁶ (Grifos nossos)

Assim, o “povo” sanjoanense era citado pelos jornais locais pertencentes à elite, lembrado especialmente com uma presença massiva em eventos festivos e tradicionais, sempre atuando como coadjuvante, nas páginas policiais ou em algum episódio pitoresco. A citação acima é bastante esclarecedora sobre quem eram esses populares na virada do

século XIX para o XX em São João del Rei, qual era a profissão da maioria, como se divertiam e onde moravam. Muitos músicos, provavelmente também libertos ou filhos destes, além de morarem nessas regiões periféricas, deviam fazer parte da “desenfreada rapaziada”, conhecer a “súcia folgasan” e frequentar igualmente os “pagodes nas vendas”, assim como os “estrepitosos cateretês” e “lavorar” nas orquestras, nas igrejas e nos teatros no centro da cidade.

Deste modo, tomando como nosso objeto de estudo a música, principalmente suas manifestações populares, adentramos por um circuito em que esta se fazia presente em São João del Rei na passagem do século XIX para o XX: as festas nas suas periferias e em seus teatros, localizados no centro da cidade, problematizando as disputas sociais em torno da cultura na cidade. Assim, utilizando periódicos locais do período, textos de peças teatrais então representadas, licenças e posturas municipais, notamos um jogo de encobrimento das manifestações populares onde a música era presença garantida, assim como percebemos seu afastamento do centro da cidade em meados do século XIX, e ao mesmo tempo um “retorno” através do teatro no início do século XX. Teríamos aí tanto uma dinâmica de exclusão social e cultural, quanto uma dinâmica de assimilação ou circularidade por parte da sociedade sanjoanense.

Mas é no texto intitulado, “Tiradores de Reis”, de 1883, que veremos uma rica descrição deste festejo popular comemorado logo após o Natal e que se estende até o dia 6 de janeiro, dia de Reis. Não seria aqui viável transcrever toda a crônica que é altamente rica na exposição de como funcionavam os cortejos, como eram as letras, como eram os instrumentos, a música e a recepção do público aos tiradores de Reis na coleta de esmolas. Com relação à composição social dos grupos de foliões, ele cita que: “Não é somente um grupo de tiradores de Reis; há várias companhias e cada qual em seu gênero: umas mais canalhocratas, outras de gente mais escolhida; porém todas, da família do sr. Zé Povinho.”²⁷

Fica nítido aí o tom depreciativo com relação àquela grande maioria que praticava esse folguedo. Carregada de preconceitos também é a descrição feita com relação aos instrumentos musicais utilizados pelos bandos de Reis e à música executada por eles:

(...) A parceirada é luzida, a comitiva e bando de músicos são números e esquisitos os instrumentos que estes empunham; são eles um tambor, clarineta, viola, reque-reque, pandeiro e uma sanfona.

(...) Apenas no limiar da porta da casa, que visitam, a música rompe a introdução, em que mais sobressaem as pancadas do tambor e os sons agudos da esganiçada clarineta.

²⁵O *Arauto de Minas*, 23 de junho de 1883, p. 2.

²⁶COSTA, Alexandre J. Gonçalves. *Os frades na cidade de papel: a Ação Católica em São João del Rei 1905-1924*. 2000. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2000 apud ADÃO, Kleber do Sacramento. *Devoções e diversões em São João del Rei: um estudo sobre as festas do Bom Jesus do Matosinhos, 1884-1924*, p. 152.

²⁷O *Arauto de Minas*, 8 de fevereiro de 1883, p. 1.

(...) segue-se o coro, verdadeiro berreiro, onde está a voz aguda dos meninos, misturada ao falsete e ao baixo dos marmanjos, produz um conjunto extravagante e insuportável.²⁸

Ao final, o redator recorre à sua memória, lembrando dos “antigos tempos” das apresentações dos bandos de Reis:

Nos lembramos bem de vermos quando meninos, esses bandos de Reis em que se apresentavam á cavalo os três Magos, vestidos á fantasia, trajando rocante manto, empunhando áureo screpto e tendo a cabeça cingida de resplendente diadema, sobressaindo entre eles o rei ‘congo’. Os bandos dão por terminada a sua jornada no dia 6 de janeiro, festa dos Reis dia santificado pela Igreja e destinado pelos foliões á grande e entusiasmado cateretê, cujas despesas correm por conta dos devotos, que deitaram-se óbolo nas mãos dos piedosos peregrinos, que lhes foram cantar á porta.²⁹

Mais uma vez o cateretê está presente nas festas populares do século XIX. O que nos chamou a atenção, porém, foi a alusão feita ao rei “congo” junto às festas dos Reis Magos. Contudo, pode-se pensar na figura de um dos Reis Magos que visitaram o menino Jesus, e que segundo a tradição, era negro, e mais ainda, de acordo com os escravos foi um dos reis do Congo³⁰, trata-se do Rei Baltasar.

No tocante ao coroamento de reis congos, na imprensa local, não é feita qualquer referência à festa de coroação dos reis negros. Entretanto, consultamos o trabalho de André Luiz Mendes Pereira, *As festas de coroação dos reis negros em São João del Rei no século XIX*³¹, para que pudéssemos tentar preencher essa lacuna, já que é uma festa de dimensão popular onde estão presentes escravos e libertos, negros e mestiços.

De acordo com André Pereira, desde meados do XIX, a festa em honra a Nossa Senhora do Rosário, com a coroação dos reis congos, estava apenas restrita à procissão, novenas e missas. Os folguedos foram desligados da Irmandade do Rosário, mas continuaram acontecendo fora dali, logo, sem a visibilidade da imprensa. Ao pesquisar os Livros de Compromisso e de Receita e Despesa da Irmandade, na primeira metade do século XIX, coincidentemente na infância e juventude de Severiano de Rezende – redator e proprietário do jornal *Arauto de Minas* –, o autor encontra despesas para o pagamento de “pretos tocadores das festas de natal” e no pagamento “aos tocadores de caixas e flautas para o mastro”.³² Em outra ocasião, ele encontra uma menção aos folguedos da praia – região situada às margens do ribeirão que corta a cidade de São João del Rei – realizados para a coleta de esmolos para a realização da festa. Diante de

tal descrição, podemos pensar aqui numa aproximação com a música de barbeiros³³ do Rio de Janeiro da primeira metade do século XIX.

Ainda sobre a Folia de Reis, cabe aqui mencionar mais uma referência que encontramos no século XIX nas fontes sobre tal manifestação na cidade. A menção é feita sobre o ano de 1897, em *Efemérides de São João del Rei*. Sebastião de Oliveira Cintra narra a passagem de um Batalhão de Pelotas/RS que rumava para Canudos na Bahia, a fim de tomar parte na guerra de Canudos, e que, no dia de Reis, os soldados que por aqui descansavam, resolveram fazer um cortejo pela cidade aos moldes da folia no Rio Grande do Sul:

(...) No dia 6/1/1897 componentes do 16º Batalhão de Infantaria festejaram o dia dos Santos Reis Magos, organizando um Bando de Reis que despertou as atenções dos sanjoanenses. Vestidos a caráter, homens e mulheres, precedidos de música, entoaram em coro certos cantos combinados, executando danças curiosas e populares no Sul do Brasil. O bando percorreu algumas ruas, obtendo aplausos.

Era diferente a folia de Reis que se pratica em São João del Rei. A figura principal da nossa folia era o “Bastião”, que se apresentava mascarado e fantasiado de cores vistosas; era o único que dançava. Executava os passos do urubu malandro e do sabiá moleque.

Antigamente, além dos cantores, havia um violleiro, um caixeiro, um tocador de pandeiro e um sanfoneiro. Muitas vezes atuava um rabequista. O solo pertencia ao “Bastião” e o coro era formado de cinco ou seis goelas, responsáveis pelos agudos característicos. Ainda se usa Folia de reis em São João del rei, principalmente nos bairros mais afastados do centro.³⁴

Esta descrição deve ter sido tirada de algum jornal da época e mereceu ser lembrada pelo redator do jornal, e até mesmo por Sebastião Cintra, diante da peculiaridade desta Folia de Reis, por executar passos típicos do Sul do Brasil, fugindo dos padrões daquela realizada em São João del Rei. Interessante também é a descrição dos passos feitos pelo “Bastião”, o “urubu malandro” e o “sabiá moleque”, sendo que, de acordo com Ulisses Passarelli³⁵, esta figura que ia à frente do cortejo executava passos do maxixe e do Corta-jaca, isto é, esta figura efetuava passos de danças muito populares no início do século XX. Vale também lembrar dos populares instrumentos que eram utilizados. Sebastião Cintra cita, em comum com a crônica “Tiradores de Reis”, a viola, a sanfona e o pandeiro.

De acordo com Cintra³⁶, a Folia ainda existia na cidade até a década de 1970, data em que estaria provavelmente escrevendo suas efemérides, sendo que ela ainda está presente em nossos dias, porém restrita à periferia. Tal afirmação pode corroborar com nossa suspeita de que

²⁸O *Arauto de Minas*, 8 de fevereiro de 1883, p. 1.

²⁹O *Arauto de Minas*, 8 de fevereiro de 1883, p. 1.

³⁰KARASCH, Mary. *A vida dos escravos no Rio de Janeiro 1808-1850*. São Paulo: Cia das Letras, 2000, p. 335.

³¹PEREIRA, André Luiz Mendes. *As festas de coroação dos reis negros em São João del Rei no século XIX*. São João del Rei: UFSJ, 2000.

³²PEREIRA, André Luiz Mendes. *As festas de coroação dos reis negros em São João del Rei no século XIX*, p. 26.

³³Segundo José Tinhorão: “Uma das festas em que seguramente, desde o século XVIII, a música de barbeiros se fazia indispensável, era o domingo do Espírito Santo, que tinha como característica não começar no domingo estabelecido, mas muito tempo antes, quando saíam à rua as Foliás recolhendo esmolos”. TINHORÃO, José Ramos. *Música Popular: um tema em debate*. 2ª ed. Rio de Janeiro: JCM, 1970, p. 111. Melo Moraes Filho também cita os barbeiros na festa do Divino no Rio de Janeiro: “As músicas de barbeiros, que eram compostas de escravos negros, recebendo convites para folias, ensaiavam dobrados, quadrilhas e fandangos...” Ver: MORAIS FILHO, Melo. *Festas e tradições populares do Brasil*, p. 204.

³⁴CINTRA, Sebastião de Oliveira. *Efemérides de São João Del Rei*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1982, p. 52.

³⁵PASSARELLI, Ulisses. Dez Antigas Notícias do Folclore de São João del Rei. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São João del Rei*. Vol. XI. Universidade Federal de São João del Rei, 2005, p. 100.

³⁶CINTRA, Sebastião de Oliveira. *Efemérides de São João Del Rei*, p. 52.

as manifestações da “gente pobre” de São João del Rei foram progressivamente, à partir da segunda metade do século XIX, marginalizadas nas periferias, sendo preteridas pelas elites. Assim sendo, raramente seus jornais nos dão informações sobre a vida social e cultural dos mais pobres, a não ser que tais manifestações mexessem com os brios dessa alta sociedade, confrontado com seu gosto estético e, mesmo com seus valores morais.

São João del Rei sempre foi uma cidade singular em Minas Gerais no tocante às manifestações artísticas. Seus caminhos mercantis também eram caminhos culturais. Isto é, São João manteve contato com vários outros centros urbanos, especialmente a Corte, recebendo artistas das mais diversas artes – teatro, circo e música – e de vários lugares. Contudo, a cidade conseguiu também manter suas “tradições” de uma sociedade urbana, herdeira da mineração e sendo ao mesmo tempo capaz de assimilar novos elementos culturais.

Notamos que nem só a música sacra e erudita se fazia presente na cidade. A música popular marcava sua presença nas periferias em batuques, em rodas de viola, nas barracas da Festa do Divino Espírito Santo e nas Foliás de Reis. Os folguedos do povo, com suas músicas e danças peculiares também são lembrados pelo Código de Posturas Municipais de 1887, que proíbe ajuntamentos para a realização de batuques e sambas.

A partir daí, notamos tanto uma dinâmica de exclusão social e cultural, quanto um movimento de assimilação ou circularidade por segmentos da sociedade em questão; ou seja, por pessoas que não estão ligadas às estruturas do poder, assim como por pessoas que fazem parte das amarras do poder econômico e político local. Assim, nota-se um circuito periférico onde uma música de gênero popular se fazia presente e a ocorrência de certos trânsitos: políticos locais frequentavam, por exemplo, as mesmas festas que a “súcia folgasan”. No entanto, seus espaços são bem demarcados, a “partida familiar” para aqueles e os “folguedos do povo” para estes. Mais ainda, um delegado de polícia transgride tal demarcação dos espaços e fica dando umbigadas pela madrugada adentro, batucando junto a *Magdalenas*.

Percebemos, do mesmo modo, muitos preconceitos contra as manifestações culturais populares presentes nos “folguedos do povo” como a música, e até a dança, por parte da sociedade sanjoanense daquela época. O código de posturas local reformulado em 1887, neste caso, procurava reprimir festejos populares como os “desenvoltos batuques” e sambas, acompanhando o que seria uma “tendência” do pensamento do século XIX, que buscava uma disciplina moral e religiosa em consonância com a modernização e a civilização dos espaços físicos e dos costumes. Portanto, certas práticas culturais do “Sr. Zé Povinho”, seus folguedos, por exemplo, eram tidos como “bár-

baros costumes” e até mesmo com desequilíbrio moral por setores da elite local ligados, por sua vez, a um jornal que publicava duras críticas aos então gêneros musicais e divertimentos populares, ou seja, ao que seria a cultura popular da época.

Ao final, nos parece que grupos e estratos sociais diversos “consumiam” a mesma cultura. As classes subalternas e elites iam juntas às igrejas e aos ritos católicos animados pelas corporações musicais locais consumindo, desta forma, ambas a mesma música. Autoridades também frequentavam “estrondosos cateretês” nas periferias dando “umbigadas” até altas horas da noite.

Diante destas considerações, vemos o quanto parece ser inútil tentar delimitar o que são manifestações culturais populares ou de elite. Devemos, por fim, ressaltar o movimento dinâmico e criativo dessas manifestações festivas envolvendo a música.

Neste trabalho procuramos demonstrar que nem só a música sacra e erudita fez parte da história da sociedade sanjoanense. Até o final do século XIX, a música popular estava presente nos morros e periferias locais, em festas populares, como o Natal, festas juninas, na festa do Divino em Matosinhos, nas vendas e em batuques em casas de “Magdalenas”. Enquanto saraus aconteciam nas moradias, teatros e salões de festas no centro da cidade, nos terreiros, vendas e morros sanjoanenses assistia-se aos sambas, lundus, pagodes e batuques dos negros e sujeitos de “classes menos favorecidas da fortuna” com seus gestos e sonoridade particulares.

Sobrevivendo aos enfrentamentos, tensões e conflitos latentes, a cultura popular parece ter resistido nas periferias de São João del Rei, contrapondo-se a projetos políticos de construção de uma nação, pautados pela ideia de constituição da ordem e da civilização, e pela preocupação de organizar, conhecer e criar referências de identidade para uma população dispersa.

Felizmente na cidade de São João del Rei, segundo Ulisses Passarelli, folclorista local, a Festa do Divino hoje tem sido um ícone da valorização destas manifestações e as foliás prosseguem, com sete grupos na zona urbana (nas periferias, diga-se de passagem) e cinco na rural, plenamente ativas, além de cinco congados na zona urbana (um dos quais surgidos em 2007) e três na rural (dois centenários e um de 2007)³⁷.

Pretendemos, portanto, ter contribuído para a historiografia sobre a música, inserida numa cultura popular, mais especificamente a historiografia da música popular em Minas Gerais, ainda muito incipiente, em vista do domínio da produção sobre música religiosa e erudita. Queremos, assim, mostrar uma outra música mineira, influenciada por uma sonoridade distinta do samba e do candomblé, ou seja, uma sonoridade entusiasmada pelos cateretês, congados e moçambiques.

³⁷PASSARELLI, Ulisses. Breves notas sobre o folclore de São João del-Rei. *Suplemento Literário de Minas Gerais*. Belo Horizonte, SEC, dez. 2007, p.16.